

UM OLHAR PARA A ESCOLA PÚBLICA SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SOCIAL E DA PSICANÁLISE¹

Valéria Teresinha Farias²

Prof. Dr. Leonardo Martins Costa Garavelo³

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de trazer a percepção de vinte e cinco anos de trabalho realizado em uma instituição educacional pública pertencente a uma zona de vulnerabilidade social bastante acentuada. São vários os problemas ocorridos na instituição educacional, especificamente na escola pública, a qual faz parte de um sistema institucional que impossibilita o trabalho com as singularidades dos alunos. Os atravessamentos são muitos, dentre eles: o que já está instituído através de regras, normas e pareceres; e o instituinte que procura ter voz e vez na construção do seu espaço dentro da instituição como sujeito. O que já está instituído traz como resultado a falta da subjetividade, tornando a escola vazia de significados e promovendo o exercício da conformidade e obediência. Desta forma, tanto a psicologia social quanto a psicanálise poderão auxiliar nesta construção das singularidades, embora com campos diferentes de atuação, trabalham comumente a compreensão dos comportamentos, pensamentos e emoções, uma no aspecto social de constituição grupal e a outra no individual, na constituição do ser e das relações com os outros através das instituições. Partindo da Lei nº 13.935/2019 que determina a presença de um psicólogo nas instituições escolares públicas, atuando como articulador de saúde mental da comunidade escolar, percebemos que a clínica psicanalítica também pode estar a serviço das possíveis demandas escolares. Ela vai ao encontro da psicologia social no momento em que estuda a relação do indivíduo com a sociedade, observa comportamentos e tenta entender como o sujeito é influenciado pelo ambiente social em que está inserido.

Palavras-chave: Escola pública. Psicologia Social. Psicanálise.

1 Introdução

São muitos os problemas comportamentais e emocionais apresentados pelas crianças e pelos adolescentes na escola pública. Estas situações são percebidas através da mudança de comportamento dos estudantes, pois na maioria das instituições educacionais estão concentradas questões de ordem social, econômica, política e religiosa que carecem de um olhar atento da psicologia.

A todo o momento, surgem as diferenças que estimulam práticas como *bullying*, racismo, homofobia, gordofobia e outros. Este trabalho tem o objetivo de trazer a

¹ Trabalho de Conclusão de Curso.

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Uni LaSalle.

³ Orientador acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade Uni LaSalle.

percepção de vinte e cinco anos de trabalho realizado em uma instituição educacional pública em uma zona de vulnerabilidade social bastante acentuada.

Partindo da Lei nº 13.935/2019 que determina a presença de um psicólogo nas instituições escolares públicas, atuando como articulador de saúde mental da comunidade escolar, é de fundamental importância a abertura de espaços de escuta que possam acolher o sujeito, abrindo espaço para a sua subjetividade e inserção em um lugar social como a escola, onde crianças e adolescentes passam um período extenso do seu desenvolvimento convivendo com adversidades e diversidades, aprendendo a viver em sociedade.

Atualmente, vemos e ouvimos através dos noticiários estudantes que cometem suicídio, crimes contra colegas e professores, autolesões e *bullying*; e são acometidos por ataques de pânico, depressão, vários transtornos e síndromes, convivendo no ambiente escolar que pouco contribui para que os sujeitos possam se sentir acolhidos. Problemas existentes há tempos, mas na atualidade aparecem de forma mais declarada através dos laudos médicos com Cid, que em nada contribuem para o manejo com os alunos, apenas rotulam e segregam as crianças dentro do ambiente escolar.

Vivemos em uma sociedade capitalista e patriarcal que determina o que devemos comer e vestir, prezando por um padrão de comportamento e beleza. Alguém que saia fora deste padrão é um ser à parte. Neste sentido, encontram-se os estudantes tratados de forma homogênea sem levar em consideração que são indivíduos plurais, os quais carregam a sua cultura e modo de vida através da subjetividade.

A escola pública ainda é uma instituição que seleciona, afere conhecimento e tenta padronizar a sociedade. Sabemos que cada instituição educacional é um pequeno sistema baseado em regras, que obedece a regras hierarquicamente. Além de normas próprias, existe a burocracia através de pareceres e portarias que vêm do governo federal e estadual. Sendo assim, também é um espaço de exploração e dominação que aprisiona e impede o sujeito de vir a ser, de ter voz e vez de forma sutil.

Com isto, faz-se necessária a presença de um psicoterapeuta escolar, porque não trabalha com respostas generalizadas, mas está a serviço de uma Psicologia que vai ao encontro do conhecer-se, reconhecer-se como ser pertencente de um espaço e que auxilie na construção de planejamentos, visando ao todo, não apenas

aprendizagem, mas na construção de subjetividade e particularidade de cada um dos membros de uma comunidade escolar.

É importante que a escola acolha e escute o sofrimento dos sujeitos (crianças, adolescentes, pais, professores, funcionários), mas também contribua efetivamente abrindo espaços para as suas subjetividades, transformando-se em um espaço de troca e mais atrativo.

Desta forma, a Psicologia pode auxiliar através de uma escuta empática, desprovida de qualquer preconceito e julgamento. Esta habilidade da escuta exige abstenção para que os sujeitos possam reconhecer-se e relacionar-se com o outro sem interferências. Sendo assim, a Psicanálise pode servir de ferramenta possível para as queixas escolares.

Cabe ressaltar que a institucional tem algo semelhante com a Psicanálise no momento em que estuda a relação do indivíduo com as pessoas que o cercam, observa comportamentos e tenta entender como o sujeito é influenciado pelo ambiente social no qual está inserido.

A intenção deste artigo é relatar através desta pesquisa uma trajetória de anos dedicados à educação pública através do trabalho como professora, diretora, mulher negra e estudante do Curso de Psicologia da Uni LaSalle. É somente através do conhecimento e de experiências vividas que entramos em contato com a realidade e, assim, relacionamos com a teoria estudada na academia, entendendo os movimentos, disparidades e dificuldades existentes na escola pública.

2 A escola na prática

Crianças e adolescentes demonstram diariamente desconfortos, uns através da rebeldia, outros da estagnação e das mudanças de humor na escola. Os problemas familiares e a vulnerabilidade aparecem nas mudanças de comportamento no cotidiano escolar.

A infância e adolescência são fases do desenvolvimento importantes na construção da vida psíquica dos sujeitos. Neste período, ocorrem mudanças físicas, cognitivas e emocionais. Trata-se de um processo de transição e construção social. O amadurecimento físico e mental provoca nos estudantes questionamentos, desentendimentos, incertezas, procura de pares e de uma identidade social. Para Freud (1996), durante a adolescência o adolescente repudia as fantasias incestuosas

para dar lugar a uma época dolorosa que é a puberdade, o desprendimento da autoridade dos pais, criando oposições que são importantes para o avanço cultural da nova geração em relação à antiga.

Os adolescentes deixam de ser crianças para entrar na fase da latência, período difícil em que são influenciados pelo seu grupo ou pelas relações sociais. Demonstram tendência à impulsividade e aos comportamentos de risco, brigam, são imprudentes, possuem dificuldade de concentração, processam informações de formas diferentes dos adultos, são complexos, existe a procura por uma identidade, ficam mais sensíveis à aceitação e rejeição de seus pares, carregam forte senso de justiça. Para Calligaris (2000), a adolescência é uma fase instituída pela nossa cultura, na qual os adolescentes precisam lutar para se inserir na sociedade.

É na escola o local onde aparecem de forma evidente as questões de crise de identidade, intolerâncias, modos de falar, de se vestir, de se apaixonar. Essas situações vêm à tona através do comportamento deles e das suas potencialidades, em tempos e situações diferentes, de forma dinâmica que esbarra em regras próprias de funcionamento e utilização do espaço escolar. Estas alterações vão alternando-se como explicita Anna Freud (1968):

A variabilidade dos jovens é um lugar-comum. Em sua caligrafia, modo de falar, maneira de pentear, de vestir e todas as espécies de hábitos, são muitíssimos mais adaptáveis do que em qualquer outro período da vida. Muitas vezes, um simples relance nos dirá quem é o amigo mais velho que esse adolescente admira. Mas sua capacidade de mudança vai ainda mais longe. A filosofia da vida, religião e política do adolescente altera-se à medida que ele transita de um modelo para outro; e, seja qual for a frequência dessas mudanças, estará sempre convencido, de um modo firme e apaixonado, da justeza e retidão dos pontos de vista que avidamente adotou (Freud, 1968, p. 118).

Neste contexto, aparece a figura do professor, deparando-se com uma infinidade de situações e exigindo dos adolescentes, além do fazer pedagógico e dos conhecimentos específicos, habilidades que vão para além da construção do conhecimento. Por isso é necessário levar em consideração aspectos que não sejam somente transmitir conhecimentos, mas aqueles que impossibilitam essa construção, sejam eles de ordem social através de mudanças biopsicossociais ou emocionais que ocorrem de forma sutil e velada e vão se constituindo aos poucos, até que geram tensões e pulsões. Porque são práticos, procuram satisfazer suas necessidades e são imediatistas.

2.1 Momentos de tensão na instituição e no seu entorno

A escola é um espaço dinâmico e imprevisível de comportamentos dos sujeitos que a frequentam. Grande parte são jovens, adolescentes à procura de autoafirmação. Nela ocorrem momentos de tensão por lidar com muitos discentes de faixa etária igual, que possuem desamparo, incertezas, dúvidas sobre a sua sexualidade, aceitação do corpo. São adolescentes que precisam de ajuda para se reconhecer e desenvolver habilidades necessárias para a expressão dos seus sentimentos. É um período difícil com muitas variações, de acordo com Freud (1968):

[...] cada estágio do desenvolvimento está reservado [...] um especial fato determinante de ansiedade. O perigo do desamparo psíquico ajusta-se ao estágio de imaturidade inicial do ego, o perigo de perda de um objeto ajusta-se à falta de autossuficiência dos primeiros anos da infância; o perigo de ser castrado ajusta-se à fase fálica; e finalmente o temor ao superego que assume uma posição especial, ajusta-se ao período de latência (Freud, 1968, p. 91).

No período da adolescência, o ser criança dá espaço para o entendimento rumo à vida adulta. É um período de transição marcado por mudanças hormonais e biológicas. Momento em que os adolescentes precisam de liberdade, pensam que estão livres do controle dos pais. Para Calligaris (2000, p. 25), “entre a criança que se foi e o adulto que ainda não chega, o espelho do adolescente é frequentemente vazio. Podemos entender então como essa época da vida possa ser campeã em fragilidade de autoestima, depressão e tentativas de suicídio”.

Na escola, isso ficou evidente quando uma estudante aos quatorze anos, no dia em questão, participou de todas as aulas. Seu comportamento era aparentemente “normal”. Portadora de uma voz lindíssima, cantava músicas em inglês belissimamente, era carismática, tinha um bom relacionamento com todos os colegas da escola. Estudava no turno vespertino, conversou com todos os colegas e, ao chegar em casa, atirou-se da janela do seu quarto, no segundo andar, de costas, quebrando o pescoço com falência no local.

A morte de jovens aparece no contexto escolar devido à vulnerabilidade em que alguns alunos se encontram e, assim, houve o fato de um adolescente de doze anos ser assassinado por tráfico de drogas quando se dirigia à escola, saindo do portão da sua residência. Por várias vezes, o responsável foi chamado devido ao desinteresse escolar e apatia do filho. Foram inúmeras conversas com o responsável, era ressaltado que devia tomar conhecimento do comportamento do aluno e das

companhias com quem era avistado seguidamente. Neste sentido, Broide e Broide (2014) trazem a ideia de que não é somente o ganho do dinheiro que o adolescente quer, mas a adrenalina, a saída da invisibilidade, as marcas de grife, as armas e o dinheiro na mão que geram o acesso à sexualidade, ao *status* e ao respeito dos pares.

Houve vários casos de adolescentes portarem arma de fogo e canivete na tentativa de resolver suas diferenças e desentendimentos através da agressão física, alguns deles necessitaram da intervenção policial. Algo que deixa pais e professores com sentimento de incompetência e medo diante de cada fato ocorrido.

O ambiente familiar contribui para comportamentos agressivos quando as crianças não possuem um ambiente acolhedor. Presenciam situações e acabam reproduzindo. Nesse caso, um discente de quatorze anos matou o pai com uma facada nas costas, pois, ao sair da escola, presenciou o pai batendo na mãe. Foi institucionalizado na Fundação de atendimento socioeducativo do Rio Grande do Sul.

Casos de *bullying* ocorrem diariamente, alguns vão ao extremo em que um aluno várias vezes foi chamado de “bixinha”. Na tentativa de resolver o problema sozinho, vestiu-se de preto que, segundo ele, premeditou tudo desde a roupa que usaria no ataque. Levou duas facas de cozinha afiadíssimas para a escola. Chegando lá, dirigiu-se à sala do colega que o importunava, foi em direção a ele tentando esfaqueá-lo pelas costas, mesmo na presença do professor. Neste dia, houve a intervenção da Polícia Militar devido ao tamanho grau de comprometimento e desorganização do aluno que acabou internado no Hospital Psiquiátrico São Pedro.

Recentemente aconteceu a morte de um estudante de dezesseis anos assassinado pela Polícia Militar com um tiro certo no tórax enquanto tentava roubar o carro de um idoso. O aluno era assíduo na escola, interagiu com os colegas, mas tinha sérios problemas com a professora de matemática. Algumas vezes agrediram-se verbalmente. Quando era levado até a direção escolar, demonstrava raiva, conversava muito pouco e dizia odiar sua mãe.

Casos de negligência familiar são comuns, bem como questões de abandono do lar, infrequência escolar e uso de substâncias em geral pelos alunos. A única alternativa da escola é recorrer ao Conselho Tutelar e Ministério Público para recolhimento de estudantes e providências cabíveis. Há alunos que se determinavam sozinhos em casa cujos pais alcoolistas, usuários de drogas, presidiários, moradores de rua não mantinham supridas as necessidades básicas dos filhos. Sendo assim, esses adolescentes não tinham outra alternativa a não ser recorrer à direção da escola

na tentativa de assegurar a sua alimentação diariamente através do fornecimento da merenda escolar e, nos finais de semana, levar alguns mantimentos. Winnicott (1988) afirma que privações significativas na infância determinam a constituição de um psiquismo frágil, que poderá apresentar mais tarde quadros psicopatológicos graves como a psicose, a personalidade antissocial.

Estupros e abuso sexual por parte de pai, padrasto, cunhado, tio, sempre vieram à tona no espaço escolar, são recorrentes em que mãe e/ou pai foram chamados, tomando ciência do ocorrido relatado pelos estudantes que não foram levados em consideração, tendo como resolução do problema a transferência escolar. A teoria freudiana indica que quanto mais insuportável for a realidade objetiva, mais o sujeito se afasta dela, isto é, desmente o evento e recusa a realidade por meio de uma percepção traumatizante. Através dessas experiências vividas de perversão e violência, são geradas, nos adolescentes, situações traumáticas na vida dos futuros adultos.

No ano corrente, aconteceram dois casos, um deles recentemente foi relatado por uma aluna. Ao visitar o pai, devido à guarda compartilhada, na casa tinha seu quarto e todos os finais de semana ia visitá-lo. A menina notou o comportamento estranho do pai que veio até o seu quarto e passou as mãos no corpo dela. Ela não gostou da ação, ficou receosa e, antes de dormir, chaveou a porta do quarto. De madrugada, o pai invadiu o seu quarto com a cópia da chave e a estuprou. Trata-se de uma discente que só relatou esse fato devido a um desentendimento com uma colega, precisando da intervenção da diretora e, em decorrência desse fato, a menina relatou o acontecido.

A intolerância religiosa, o preconceito racial e o machismo geram no ambiente escolar agressões físicas, verbais e são presença marcante entre os estudantes. No cotidiano escolar, percebemos que as famílias contribuem muito para a manutenção desses problemas. Cabe lembrar que nenhuma criança nasce racista e intolerante, no sentido mais amplo da palavra. Isto vai se configurando de acordo com as experiências vividas na convivência familiar e social. Sendo assim, o sujeito resulta de um contexto ou vivência social que vai sendo moldado aos poucos. Conforme a Organização Pan-Americana de Saúde, alguns adolescentes estão em maior risco de problemas de saúde mental devido às suas condições de vida, estigma, discriminação ou exclusão, além de falta de acesso a serviços e apoio de qualidade.

Estes momentos, observados e percebidos no ambiente escolar, geram desorganização e instabilidade emocional. Eles repercutem não somente no trabalho do professor, mas do gestor escolar que se limita a “apagar incêndios”. Ser professor, na atualidade, é muito mais que explicar conteúdos, ensinar cálculos matemáticos, aferir conhecimento e/ou diagnosticar aprendizagens. É reconhecer as potencialidades dos seus alunos, ter um olhar atento através da observação e do envolvimento dos discentes sem fragmentações. É olhá-los como um todo, a sua socialização nas mais diferentes situações na escola e no seu entorno.

2.2 O instituído e instituinte

O estudante da atualidade não é o mesmo de vinte anos atrás com receio de tirar uma nota baixa ou de advertências, pois existia a expulsão escolar. Hoje estão amparados por uma legislação que lhes dá o direito de ir e vir. O Estatuto da Criança e do Adolescente trouxe maior flexibilidade e liberdade aos estudantes, pois parte da premissa que sejam instruídos de acordo com a sua realidade no aspecto social, político e econômico.

Percebemos que a sociedade vem se transformando ao longo do tempo de forma acelerada, são novas configurações familiares. As redes sociais exercem uma grande influência na vida das pessoas, principalmente das crianças e dos adolescentes. Fazendo parte deste cenário, encontra-se o professor como coadjuvante, uma figura mediadora destas inquietações e etapa importante do desenvolvimento psicossocial dos discentes. Cabe lembrar que este indivíduo está cerceado de atravessamentos que também fazem parte da construção de uma caminhada que deu significado ao seu fazer enquanto profissional. Na escola pública, não são oferecidas condições de trabalho para o seu fazer pedagógico.

A escola segue um modelo educacional do século XIX, exercendo ainda relações de poder. No livro *Microfísica do Poder*, Michel Foucault (2023) diz que “a disciplina é um tipo de organização do espaço, e também uma técnica de distribuição dos indivíduos através da inserção de corpos em um espaço individualizado, classificatório e combinatório” (Foucault, 2023, p. 22).

A educação através dos seus estabelecimentos de ensino carrega valores e ideologias do século passado, no qual as relações de poder eram e ainda são exercidas de forma coercitiva. Até bem pouco tempo, o papel do professor era

transmitir conhecimento como se fosse o detentor do saber de um conhecimento acabado. Percebemos que a escola caminha a passos lentos, pois continua no mesmo formato. Para Foucault (2014), ela segue o modelo das prisões e manicômios (grades, sirenes, alunos sentados um atrás do outro, horários e intervalos definidos), tanto na estrutura física, quanto na construção de espaços pedagógicos que ainda estimulam a resposta pronta, acabada, estabelecida, exigindo do aluno obediência e conformidade. Por muitos anos, seguimos o modelo de conhecimento compartimentado, fragmentado através de disciplinas, carga horária e currículos estabelecidos por alguém que julga possuir um saber capaz de atingir a todos sem distinção. Mas, ainda assim, é o local onde as crianças e os adolescentes manifestam, através de seus comportamentos, situações de abuso e violência que precisam ser escutados e não vistos como questões de mau comportamento.

A ordem sempre foi o ponto principal a ser exercido nas instituições escolares, um aluno atrás do outro, filas na merenda, na entrada e na saída da escola, zelando pelo controle, obediência e passividade dos discentes. Existe uma relação de poder instituída e reguladora através das leis, pareceres que exigem do gestor um fazer burocrático interminável e absurdo. Desta forma, Baremblytt (2002) afirma:

[...] a escola não é uma instituição, e sim um estabelecimento que faz parte de uma grande organização – provavelmente do Ministério da Educação, que por sua vez, realiza uma grande instituição: a instituição da Educação, que é uma lógica, uma série de prescrições e leis (Baremblytt, 2002, p. 28).

Sendo assim, não sobra espaço para a construção da autogestão, ocorrendo vários atravessamentos que impedem o poder de criação, tirando a autonomia e a construção de espaços coletivos onde deveriam ser respeitados os direitos de cada indivíduo. Os estabelecimentos públicos de ensino são subordinados a instâncias de diferentes esferas: municipal, estadual (Secretaria de Educação) e federal (Ministério da Educação). Essas duas últimas, no sentido literal, são distanciadas da realidade social dos estabelecimentos de ensino, pois tiram a voz e a vez dos envolvidos no processo educacional através de exigências de demandas burocráticas, como preenchimento de planilhas, análise da aprendizagem através de percentuais, avaliações institucionais e preenchimento de documentos norteadores (Projeto Político Pedagógico, Regimento Escolar) com modelo a ser seguido.

A falta de tempo para planejamento e escuta vai aniquilando o serviço público, os servidores em geral e as comunidades escolares. Cada administração possui uma

ideologia e determinações estabelecidas pela legislação que orientam e determinam o fazer dos profissionais e das instituições (saúde, segurança e educação).

A educação pública é uma instituição que ainda não consegue trabalhar com os sujeitos de forma diferente que a castradora. Suas subjetividades inexistem, pois o caráter simbólico que é dado à educação possui a máxima que todos devem seguir o caminho do “cidadão de bem” e que todos são tratados da mesma forma sem distinção. Nesse discurso, está implicado o instituído/organizado. Somos seres únicos, totalmente diferentes um do outro com modo de vida, sonhos e desejos diferentes. Esse discurso passa a ideia de igualdade, mas no contexto geral, nas suas entrelinhas, demonstra forma de massificação. O objetivo é comum, oferecido a todos que dela fazem parte, como se os estudantes estivessem no mesmo nível de aprendizagem, interesse, condições socioeconômicas e socioemocionais.

Caso alguém pense ao contrário, é preciso enquadrá-lo nos padrões de comportamento estabelecidos por ela. Convivemos em um conservadorismo exacerbado carregado de estereótipos e resistências à mudança que, segundo Baremblytt (2002, p. 29), “o instituinte aparece como um processo, enquanto o instituído aparece como um resultado”. O instituinte transmite uma característica dinâmica; o instituído possui característica estática, estabilizada. O instituinte está em constante transformação, valoriza a existência humana, é adepto ao processo criativo que lhe afirme como ser humano com defeitos e qualidades, que pensa, erra e acerta, cujo princípio da existência humana é o dinamismo, algo que é abafado nas instituições.

Faz-se necessária a construção de um sujeito e de uma sociedade na sua totalidade de forma coletiva ou anônima.

2.2.1 Estigmatização

Como mulher negra, professora e gestora escolar foram incontáveis as situações enfrentadas de machismo por parte das figuras paternas dos alunos e dos professores homens que não aceitam uma mulher à frente de uma equipe da qual eles fazem parte. Outro ponto de fragilidade na escola é o racismo que aparece de forma velada, mas é presença constante na instituição. Desta forma, Moreira (2019) diz que “o racismo institucional é uma prática discriminatória e que encontra sustentação na presença de atitudes culturais racistas que regulam instituições públicas e privadas,

principalmente na mentalidade daqueles que atuam de forma racista” (Moreira, 2019, p. 50).

Somente quem passa por situação de preconceito sabe o que é de fato e de que forma ele se apresenta. Isso abala e desorganiza o indivíduo, acionando gatilhos, devido às marcas de um passado tão distante, mas que ainda é sofrido em função de período histórico de escravização dos negros no Brasil.

Assim sendo, uma gestora negra precisa provar diariamente a sua capacidade para gerir a dinâmica e todas as demandas da escola, principalmente valorizar a cultura de um povo sofrido cuja ancestralidade lutou como forma de resistência e não de submissão à escravização. Moreira (2019) nos traz que homens brancos são vistos como mais inteligentes e que não encontram obstáculos quando concorrem a posições de gerência. O mesmo não acontece com as mulheres que são percebidas como incapacitadas para comandar, por isso precisam estar em posições subordinadas.

Por conseguinte, lutamos cotidianamente por direitos iguais sem recuar por espaços que nos deem visibilidade, mas ainda somos um povo que sofre consequências pela cor da pele, restando para alguns os trabalhos de servidão como diaristas, faxineiras, babás e outras atividades que nos tornam invisíveis, desamparados psiquicamente, como se a nós restasse apenas servir o outro, que em nada ajuda a sair da posição de ideal do eu, de objeto do desejo, tornando os laços sociais enfraquecidos.

Acreditamos que a situação dos negros na contemporaneidade vai além de uma reparação, mas de um reconhecimento acerca do que implica ser negro numa sociedade que classifica pessoas, colocando-as na posição de sujeito do desejo. Paim Filho (2021), no livro *Racismo: por uma psicanálise implicada*, indaga onde estão eles, pois, mesmo sendo uma população de maioria negra, “seguimos sendo um país que alberga de forma magistral o fenômeno do ‘negro único’: único médico, único ministro do supremo, único senador, único psicanalista, única cientista, única miss Brasil!” (Paim Filho, 2021, p. 22).

Se os professores brancos precisam afirmar-se como pessoas e profissionais, os negros precisam provar três vezes mais para conquistar o seu espaço, devido a um narcisismo branco que destrói as diferenças. Em decorrência disso, sentimo-nos privados, uma parte da sociedade sem esperança. Alguns conseguem especializar-se, estar em constante formação, a fim de entender como se estabelece esse

processo de dominação e insujeição no qual o povo negro ainda vive, a fim de que possa se reconhecer e se orgulhar de quem é, assumindo o seu verdadeiro papel dentro da sociedade, seja mulher, aluna, professora, gestora negra. É preciso conhecimento, pois só ele nos capacita e liberta para que possamos exigir os nossos direitos tanto quanto os outros. Para Foucault (2023, p. 279), “somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros, que trazem consigo efeitos específicos de poder”.

2.3 Relações entre a psicanálise e institucional

O mundo capitalista, no qual estamos inseridos, torna-nos pessoas reféns de ideologias, comportamentos e modismos através do poder e controle, da organização e competição. Para Broide e Broide (2014), o processo de globalização intensificou a pobreza na medida em que desregulamenta as relações de trabalho, diminuindo a possibilidade de qualificação profissional, empurrando a população para o trabalho informal. A sociedade não valoriza as multiplicidades e forças que movem os sujeitos, o que impera é o egocentrismo, favorecendo o ter através do capital, gerando exclusão e segregação.

Tudo está interligado, o modo de ser e pensar, dos movimentos dos corpos, gerando contradições e conflitos diversos. O ser humano está em constante atuação em tempos e realidades diferentes. Disto surge a subjetividade desse movimento, mas que é abafada.

Somos corpos heterogêneos nos quais ocorre a mistura de aspectos físicos, biológicos, econômicos e sociais que moldam o ser através da cultura, das suas experiências vividas, das incertezas, das inseguranças, da transitoriedade e da efemeridade ocorridas na sociedade e na vida pessoal, as quais acabam desequilibrando o sistema psíquico dos sujeitos, impedindo o exercício da subjetividade. Neste sentido, Santos (2000) cita Guattari (1989), dizendo que a subjetividade ainda permanece controlada pelos dispositivos de poder e de saber que colocam inovações, sejam elas técnicas, científicas e artísticas, a serviço das figuras mais retrógradas da sociedade.

Isto faz parte de alguns dos atravessamentos que impedem a construção da subjetividade que se origina do mundo externo, expandindo-se para o interno e vice-

versa, um mundo consciente/inconsciente. Na tentativa de trabalhar com as subjetividades, é necessário reconhecer os sujeitos como indivíduos ou grupos sociais que possuem histórias e contradições, a fim de que ele tenha voz e vez, reafirmando sua posição, negando, reconstruindo seu modo de ser sem a interferência das relações de poder. O problema não está na instituição no sentido mais amplo, mas na perspectiva de como elas operam de maneira perversa (patriarcal, machista, racista, heteronormativa).

Para Bonin (2000, p. 60), “os papéis sociais e as instituições humanas se originam de inter-relações pessoais que são cristalizadas através de regras que são hábitos adquiridos e as instituições, além das relações sociais, envolvem também determinados materiais, artefatos e códigos”.

Em consequência disto, produzimos sintomas originados por um modelo de sociedade hierarquizada com um funcionamento cujo discurso é o bem de todos, incutindo-nos a cultura do homem branco que precisa consumir. Caso contrário, não seremos felizes. Para que ocorra a tão sonhada felicidade, precisamos ter dinheiro, viajar, comer bem, ser magro, jovem, relacionar-se com pessoas influentes e ter relacionamentos bem-sucedidos. De acordo com Santos (2000, p. 175), “o modelo capitalista tem se amparado na competição e no controle dos modos de pensar, perceber, relacionar-se”.

Esta intimidação causa angústia e sofrimento, pulsão de morte, que precisa ser pensada e trabalhada caso a caso no reconhecimento de si e da responsabilidade na relação com o outro, fortalecendo laços sociais. Conforme Barbosa (2022, p. 09), “a psicanálise se baseia na lei da causalidade onde tudo tem uma causa, um porquê. Ela entende que o sintoma é o fator resultante de uma organização que se fundamenta a partir das relações”.

Neste sentido, a clínica psicanalítica trabalha com o indivíduo através das suas relações na sociedade e nas instituições, sejam família, educação ou segurança. Tanto a psicanálise quanto a psicologia institucional, embora em campos diferentes de atuação, trabalham comumente a compreensão dos comportamentos, pensamentos e emoções, uma no aspecto social de constituição grupal e a outra no individual, na constituição do ser e das relações com os outros através das instituições.

Freud (2010), em *Psicologia das massas*, traz a ideia de que toda psicologia individual também é uma psicologia social. Desta forma, a psicanálise contribuirá para

o trabalho de reconhecimento da subjetividade dos sujeitos, na escola pública onde cada um tem o seu mundo próprio marcado pelo inconsciente, pois é através das vivências dos sujeitos que psicólogos são convidados a entrar em mundos individualizados, abrir portas e caminhos através da escuta psicanalítica de extensão, promovendo o bem-estar e uma melhor convivência em sociedade. Além disso, ela não se restringe somente ao atendimento individual, pode ser grupal.

Esse caminho seria importante na escola pública, contribuindo como um instrumento de apoio e de reconhecimento dos sujeitos, de suas singularidades e potencialidades.

3 Considerações Finais

A escola é um local onde os alunos se ancoram através da figura de um professor ou diretor para dar sentido às suas vidas, pois trata-se de um local em que os estudantes encontram apoio para continuar vivendo diante dos seus traumas e angústias. É nesse espaço institucional que estão instaladas todas as suas ansiedades.

Através das experiências vividas, os professores entram em contato com situações que causam estranheza e inquietação. São problemas emocionais cujas origens são de situações sociais de cada sujeito desde o nascimento, pois o meio em que vivemos, através de experiências, vai determinando o que somos. Acreditamos que a escola precisa acolher e escutar o sofrimento do sujeito (crianças, adolescentes, pais, professores, funcionários), abrir espaço para a sua subjetividade para que possam se inserir e manter-se em um espaço social significativo. As pessoas não podem ser tratadas de forma igualitária sem levar em consideração suas pluralidades. Em sentido contrário, temos uma instituição que seleciona, afere conhecimento, tenta padronizar e segregar.

As instituições são estabelecidas através de normas, as quais impossibilitam a subjetividade de cada um, o que gera adoecimento psicológico. E, neste cenário, encontram-se as instituições escolares recebendo sujeitos com problemas de toda a ordem, sejam eles pessoais em que implicitamente estão inseridos os problemas sociais. Trata-se de um conjunto de leis, pareceres que regem uma escola, as verbas repassadas são ínfimas para gerir um espaço que carece de muitos recursos cujo resultado do trabalho se dá a longo prazo e nos faz pensar sobre quem somos, qual

a nossa verdadeira intenção ao adentrar esse microssistema cruel que nos desvaloriza como pessoas.

Embora existam muitos momentos de tensão, na escola pública há também momentos de partilha de sentimentos, de alegria das crianças, do companheirismo e incentivo dos colegas de trabalho, da aceitação de limites como pessoa e da profissão. Mesmo que os gestores estejam sempre mediando conflitos entre aluno e professor, professor e aluno, escola e governo, é preciso reconhecer que não são seres onipotentes, por isso precisam da ajuda de pessoas qualificadas e especializadas, como os psicólogos que dão suporte nos momentos de crise para escutar as suas angústias também cujo objetivo está na construção de uma escola mais humana.

A Lei nº 13.935/2019 que determina a presença de um psicólogo nas instituições escolares públicas, atuando como articulador de saúde mental da comunidade escolar, é de grande importância e um avanço dentro da psicologia.

Os psicólogos tanto institucional quanto de abordagem psicanalítica na instituição escolar ajudariam neste sentido, porque o seu fazer não promove respostas generalizadas. Este fazer está a serviço de uma psicologia cuja pretensão não é direcionar o caminho a ser percorrido, mas o ouvir utilizando a técnica da abstinência, indo ao encontro de uma construção conjunta e/ou individual de ser pertencente a este espaço e de planejamentos construídos em conjunto, visando ao todo, prezando pelas subjetividades e particularidades de cada um dos membros da comunidade escolar. Sendo assim, a psicanálise pode servir de instrumento possível para as queixas escolares, oferecendo dentro da escola espaços de cuidado e acolhimento, através da escuta cuidadosa dos membros da comunidade escolar para que tenham a possibilidade de refletir sobre os problemas que os afligem.

Diante disso, percebemos que a clínica de abordagem psicanalítica por intermédio de uma psicoterapia em extensão possa ajudar o sujeito a se fortalecer, estando a serviço das possíveis demandas escolares no que diz respeito aos problemas emocionais que nela se apresentam e geram pulsões em situações específicas, criando alianças terapêuticas. É preciso pensar que não existe o eu antes do outro, por isto toda a psicologia é social, independentemente da sua abordagem. As introjeções, recalques, mecanismos de defesa, repetições e outros partem da convivência social, da falta da constituição do laço simbólico por intermédio das instituições família, escola, trabalho, casamento que também operam de maneira perversa através do convívio entre o instituído e o instituinte.

Referências

BARBOSA, Ademir. **Técnicas de atendimento em psicanálise**. 1. ed. Guaçuí: Editora do Autor, 2022.

BAREMBLITT, Gregório F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes**: teoria e prática. 5. ed. Belo Horizonte: Instituto Felix Guattari, 2002.

BONIN, Luiz Fernando. Indivíduo, cultura e sociedade. In: STREY, Marlene Neves *et al.* **Psicologia social contemporânea**: livro texto. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 58-72.

BRASIL. **Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019**. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicológicos e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/l13935.htm. Acesso em: 01 jul. 2024.

BROIDE, Jorge; BROIDE, Emília Stivalet. A transferência e o território: algumas considerações. In: BROIDE, Jorge; BROIDE, Emília Stivalet. **A psicanálise em situações sociais críticas**: metodologia clínica e intervenções. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2014. p. 61-78.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. Coleção Folha Explica. São Paulo: PubliFolha, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 16. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREUD, Anna. **O ego e os mecanismos de defesa**. Rio de Janeiro: BUP, 1968.

FREUD, Sigmund. **Inibições, sintomas e ansiedade**. Trad. Christiano Monteiro Oiticica, vol. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. SALOMÃO, J. (Org.), vol. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. **Saúde mental dos adolescentes**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes#:~:text=Os%20transtornos%20emocionais%20geralmente%20surgem,>

[irritabilidade%2C%20frustra%C3%A7%C3%A3o%20ou%20raiva%20excessi.](#)

Acesso em: 14 jul. 2024.

PAIM FILHO, Ignácio A. **Racismo**: por uma psicanálise implicada. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2021.

SANTOS, Nilza. Subjetividade. In: STREY, Marlene Neves *et al.* **Psicologia social contemporânea**: livro texto. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 168-180.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.